



ISSN 2179-4529 – ANAIS DO 4º SIMPÓSIO DE CIBERJORNALISMO

## Fontes e redes sociais na internet: uma revisão bibliográfica

Victor Luiz Barone Junior

**Resumo:** A emergência das redes sociais na internet (RSI) tem se configurado um desafio para diversas áreas do conhecimento, especialmente o Jornalismo. Todos os dias milhões de pessoas se conectam a rede, compartilhando e disseminando informações. A possibilidade de uso das RSI como potenciais fontes de informação para a produção jornalística tem provocado mudanças profundas no processo de produção da notícia. Diante desta revolução tecnológica e de significados, a pesquisa torna-se fundamental. O objetivo deste artigo – que faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o uso das redes sociais na internet como repositório de pautas e fontes para a produção da notícia - é revisar o conteúdo da bibliografia de três conceitos focais para a melhor compreensão do tema: as fontes, as redes sociais, e a relação entre fontes e RSI sob o ponto de vista dos jornalistas.

**Palavras-chave:** Jornalismo. Fontes. Redes sociais. Internet

### 1 – Introdução

As sociedades têm caracterizado parte de seu desenvolvimento pela relação que estabelecem com as tecnologias da informação. A revolução propiciada pela tecnicidade se dá, especialmente, por meio da produção e da disseminação de informação e pela criação de redes de relacionamentos (CASTELLS, 2005). Para BORDIEU (1997), este novo panorama tecnológico obrigou os meios de comunicação a uma re colocação no campo social, a uma reavaliação de conceitos e processos de produção.



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





Esta tendência à adaptação tem acompanhado o Jornalismo desde sua origem. Não está sendo diferente com o advento da internet, segundo aponta SODRÉ (2009), para quem jornalistas têm sido pressionados constantemente a uma rápida adaptação diante das novas formas com que a informação flui no ciberespaço.

Ao analisar a influência da internet sobre o processo jornalístico, CARDOSO (2007) identifica dois caminhos. O primeiro, que classificou como “revolucionário”, aponta um momento de evolução e adaptação do Jornalismo diante do ciberespaço. O segundo caminho, “evolucionário”, inclui transformações na organização estrutural e econômica do Jornalismo e em sua prática. Embora o autor sustente que, mesmo diante desta revolução, estas práticas profissionais manterão aspectos tradicionais, com o jornalista mantendo o papel de mediador da informação, ele aponta a possibilidade, que aqui nos interessa enquanto objeto de estudo, da participação da audiência na produção da notícia.

A abertura da possibilidade de participação do cidadão – até então tratado apenas como receptor – na produção de conteúdo jornalístico é uma realidade (CONCHA EDO, 2009 *apud* FRANCISCO, 2010) que deve ser compreendida e incorporada pelo Jornalismo dentro de suas concepções éticas e práticas.

A Comunicação Mediada por Computador (CMC) é apontada por RECUERO (2009a) como um repositório de ferramentas que permite ao usuário estabelecer conexões de interação e comunicação. Com o advento das RSI, essas conversações online se multiplicaram, criaram conexões, possibilitando trocas sociais que constroem conversações públicas e semeiam novos comportamentos (RECUERO, 2012). Todo este repositório de informações se transforma em um campo de busca para jornalistas que, dentro de sua práxis profissional, podem se debruçar sobre ele e utilizá-lo como campo de busca de pautas e fontes para a produção da notícia.



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





Diante desta nova realidade que se impõe ao Jornalismo com o advento da internet, da cibercultura e das RSI, este artigo – que faz parte de uma pesquisa mais ampla sobre o uso das redes sociais na internet como repositório de pautas e fontes - pretende revisar o conteúdo da bibliografia dos três conceitos focais para a compreensão do tema: a fonte, as redes sociais, e a relação entre fontes e RSI.

## 2 – Fontes

A relação entre jornalistas e fontes é essencial para a compreensão da profissão. Diante desta relação tão seminal o estudo das fontes tem despertado a atenção de pesquisadores. Em estudos realizados por GIEBER E JOHNSON (1961), as fontes foram divididas entre oficiais (primárias) – na qual estão acondicionados os poderes constituídos - e não governamentais (as demais fontes). Trata-se de uma visão simplista, especialmente se levarmos em conta a multiplicidade de fontes que hoje são alvo do escrutínio jornalístico.

MOLOTCH et al. (1974) identificaram as fontes que promovem ou restringem certa informação de acordo com os seus interesses como *news promoters*. Neste caso, as fontes interagiriam no processo de construção da notícia com o intuito de promover interesses e direcionar o conteúdo. Ainda assim, os jornalistas não seriam atores inertes neste processo, teriam autonomia para definir o que é ou não notícia diante do assédio dos *new promoters*.

Ainda na década de 70, HALL et al. (1978) ampliariam este conceito ao introduzir a ideia de *primary definers*, fontes com grande capacidade e poder de estabelecer a forma e o conteúdo dos debates e condicionar a interpretação dos acontecimentos diante de seu acesso privilegiado e sistemático aos media. Trata-se de um modelo que coloca o jornalista em um papel de subordinação e de autonomia relativa.



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





Adentrando a década de 80, a influência das fontes no processo de construção da notícia é reforçada por GANS (1980) ao estabelecer uma relação de cabo de guerra entre jornalistas e fontes no qual, na maioria das vezes, os vencedores são os últimos. Para o autor, as fontes manipulam as notícias a seu favor enquanto os jornalistas trabalham para manipular as fontes com o objetivo de obter as informações que querem. Este ponto de vista relaciona as fontes em categorias (institucionais, oficiosas, provisórias, passivas, ativas, conhecidas e desconhecidas), afirmando que o jornalista hierarquiza o seu uso de acordo com fatores como seu capital social e proximidade geográfica e social.

Ampliando o conceito, PINTO (2000) classifica as fontes de acordo com a natureza (pessoais ou documentais), origem (pública ou privada), duração (esporádicas ou permanentes), âmbito geográfico (locais, nacionais ou internacionais), grau de envolvimento nos fatos (primárias ou secundárias), atitude face ao jornalista (ativa ou passiva), identificação (explicitadas ou confidenciais) e estratégia de atuação (proativas ou reativas). O autor reconhece a amplitude do campo, “que extravasa os próprios ‘territórios’ delimitados pelos conceitos definidores da polaridade fontes-jornalistas” (PINTO, 2000, p. 279).

A natureza das fontes de acordo com sua confiabilidade, personalidade, institucionalidade e documentação é analisada por LAGE (2001), que as classifica como oficiais (provenientes do poder constituído - Estado), oficiosas (não autorizadas a falar em nome de determinada instituição ou personalidade) e independentes (organizações não governamentais). A relação das fontes com o fato também é classificada pelo autor, sendo primária quando esta relação é direta e secundária quando ela é indireta. Finalmente, as fontes são categorizadas de acordo com sua relação com o fato, dividindo-as em testemunhas (que presenciaram o fato) e experts (especialistas que interpretam o fato).

Com o advento da internet, a relação entre fontes e jornalistas ampliou-se, exigindo mais atenção da comunidade acadêmica. Um dos terrenos que tem evidenciado a



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





necessidade de um alargamento do debate são as novas modalidades de produção, processamento e circulação de conteúdos informativos proporcionados pelas novas tecnologias de informação e comunicação (PINTO, 2000).

É na internet que a relação entre jornalistas e fontes se depara com seu maior desafio. O estabelecimento de relações de confiança entre o profissional que apura e o cidadão/entidade que informa depende do fator credibilidade. Esta credibilidade tem sido garantida pela tradição jornalística, em parte, com o uso de fontes oficiais. Conforme TRAQUINA (2005, p. 190), “as fontes são quem são porque estão diretamente ligadas a setores decisivos da atividade política, econômica, social ou cultural”.

Para WOLF (2009), os jornalistas preferem fazer referência a fontes oficiais ou que ocupam posições institucionais de autoridade que, presumidamente, têm maior credibilidade. Para o autor, elas não podem mentir abertamente e são consideradas mais persuasivas em virtude de suas ações e opiniões serem oficiais.

No ambiente virtual, no entanto, as fontes carecem desta legitimação. Segundo MACHADO (2002) isso ocorre devido à descentralização do ciberespaço, que gera a multiplicação das fontes sem tradição. Assim, defende MACHADO (2002) que a desarticulação do modelo clássico do Jornalismo – causada pela arquitetura descentralizada do ciberespaço – faz com que o exercício da profissão exija novos critérios que garantam a confiabilidade do sistema de apuração no mundo digital.

Dent, citado por PINTO (2000), também aponta à quantidade de informação disponível na internet como um dos fatores que exigem do jornalista esta nova postura diante da fonte. Para o autor, viajar por um espaço tão vasto e denso exige novas competências de discernimento e de avaliação.



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





De acordo com LIMA JUNIOR (2007) o surgimento das fontes digitais não é por si só uma passagem garantida para o desenvolvimento benéfico da produção jornalística, embora facilite o trabalho do jornalista na missão de localizar a informação.

Grande parte do que circula na internet precisa ser verificada com atenção redobrada. Informação de qualidade e com credibilidade surge lado a lado com imensas quantidades de informação falsa ou pouco rigorosa e isso se acentua no ciberespaço, onde a informação deve ser tratada pelos jornalistas com os mesmos critérios aplicados às fontes tradicionais. Neste aspecto, a edição e a filtragem da informação tornam-se ainda mais importante na web, onde qualquer usuário pode publicar qualquer coisa fazendo-a parecer substancial (BASTOS, 2000 *apud* LIMA JUNIOR, 2007).

A relação entre jornalistas e fontes oficiais vai além da questão da credibilidade. O uso privilegiado de fontes oficiais choca-se com o conceito de representatividade – por estas atuarem em nome de instituições de poder que reproduzem um discurso hegemônico.

Medina, citada por AMARAL (2002) afirma que a preferência dos jornalistas brasileiros por fontes oficiais tem raízes históricas. Para ela, o autoritarismo institucional nas ditaduras brasileiras reforçou a voz oficial em detrimento das vozes anônimas, do debate nacional. A autora ressalta a importância da polifonia no Jornalismo, sustentando que a seleção das fontes de informação precisa ser enriquecida pela pluralidade de vozes.

Pesquisa realizada em Portugal na década de 90 mostrou que a construção da notícia tende a excluir os menos privilegiados em favor da elite, contribuindo para manter limites de aceitabilidade e legitimidade às intervenções sociais e tornando mais difícil a incorporação de atores sociais diversificados no processo (SOUZA, 1998). Esta análise é corroborada por WOLF (2009) ao afirmar que, via de regra, quem não exerce poder político, social ou econômico não tem voz na produção da notícia, a menos que suas ações produzam efeitos noticiáveis moral ou socialmente negativos.



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





Todas estas tentativas de classificar as fontes e de esmiuçar sua relação com o jornalista no processo de produção da notícia reforçam a importância do tema para a profissão. O privilégio às fontes oficiais como garantia de credibilidade – com a consequente diminuição da pluralidade de vozes que compõe a notícia – e a necessidade de desenvolver mecanismos que contribuam no processo de análise desta credibilidade no ambiente virtual são dois componentes que merecem ser analisados com mais insistência pela academia.

### 3 - Redes Sociais e Redes Sociais na Internet (RSI)

Há uma diversidade de definições para as redes sociais. No entanto, estas definições têm base em um cerne teórico que, se transformado em imagem concreta, se traduziria em fios e pontos, malhas e teias, fluxos e movimentos. A concepção básica é a de que a configuração de vínculos interpessoais é conectada às ações dessas pessoas e às instituições da sociedade. Segundo Recuero (2009a), uma rede social é a conjunção entre atores (representados por pessoas, grupos ou instituições) e suas conexões (interações ou laços sociais).

Em um estudo conceitual que situou historicamente a noção de redes sociais a partir de revisão bibliográfica tendo como base os campos da Sociologia, Antropologia, Informação e Comunicação, ACIOLI (2007) apontou as origens teóricas do conceito sob a ótica de diversos pesquisadores. Segundo a autora, a noção de redes e redes sociais na Antropologia Social surge com Claude Lévi-Strauss em sua análise etnográfica das estruturas elementares de parentesco na década de 40. Em 1940, Radcliffe-Brown já se utiliza do termo "redes". A expressão rede social, por sua vez, foi cunhada por Brown, na década de 50, com a intenção de representar a estrutura social enquanto uma rede de relações institucionalmente controladas ou definidas. Barnes introduz a ideia de redes sociais como recurso de análise por volta de 1954. Foi Elizabeth Bott, em 1971, uma das



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





primeiras antropólogas a usar a ideia de rede enquanto uma ferramenta de análise dos relacionamentos entre pessoas, seus elos pessoais e entre as organizações do contexto em que se inserem. Outros autores como Boissevain (1987), Waizbort (1999), Elias (1994), Santos (1996) Scherer-Warren (1996) deram continuidade ao desenvolvimento do conceito até a sua apropriação pelas redes telemáticas, a partir de grupos que utilizam o termo rede no sentido de meio de acesso a informações, contato com grupos ou pessoas através de redes de computadores.

Dentro desta perspectiva, CASTELLS (2005) identificou a lógica de redes como uma das características de qualquer sistema nas novas tecnologias da informação devido à complexidade das suas interações.

A partir dos últimos anos da primeira década do século 21, a metáfora das redes sociais foi incorporada pelo ciberespaço, chamando a atenção de pesquisadores e dando sequência à gênese de uma série de estudos focados no fenômeno das redes sociais na internet (RSI), expressão adotada por SANTAELLA et al. (2010).

Para CASTELLS (2005), as redes sempre existiram, calcadas em formas diversas de organização social, mas foram os novos paradigmas da tecnologia da informação que possibilitaram sua expansão. É com base nestes novos paradigmas, traduzidos também pela cibercultura, que as redes se transformaram na nova morfologia das sociedades, crescendo exponencialmente, “criando novas formas e canais de comunicação, moldando a vida e, ao mesmo tempo, sendo moldadas por ela” (CASTELLS, 2005, p. 40).

As RSI possibilitam modelos originais de “comunidades” virtuais. Para MARCUSHI (2004), comunidade pode ser definida como “uma coleção de membros com relacionamentos interpessoais de confiança e reciprocidade; partilha de valores e práticas sociais com produção, distribuição e uso de bens coletivos num sistema de relações duradouras” (MARCUCCHI, 2004, p. 22). CHARAUDEAU et al. (2004), por sua vez,



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)







aponta a existência de três tipos de comunidade: comunicacional, discursiva e semiológica. As redes sociais se encaixariam nas comunidades discursivas que, de acordo com MAINGUENEAU (2000, p. 29), “são grupos sociais que produzem e administram um certo tipo de discurso”.

RECUERO (2007) aponta que, enquanto as redes sociais são geralmente associadas a um grupo de atores (nós) e suas conexões (arestas) no ciberespaço, essas redes são complexificadas pela apropriação de um novo espaço, o espaço virtual, através da interação mediada pelo computador.

As RSI são formadas por representações individualizadas e personalizadas dos atores sociais e de suas conexões (RECUERO, 2009b), constituídas, por exemplo, de um perfil no Facebook, no Twitter ou no Instagram.

As RSI implicam ambientes onde as pessoas podem reunir-se publicamente através da mediação da tecnologia, em espaços de lazer onde normas sociais são negociadas e permitem a expressão dos atores sociais. (BOYD, 2007 *apud* RECUERO, 2009a). Estas redes interativas não funcionam sozinhas. O fator humano é essencial para a sua condução por meio da conexão entre os indivíduos (WELLMAN, 2001 *apud* RECUERO, 2004). O meio digital, portanto, tem o poder de conectar pessoas, viabilizando a comunicação imediata, armazenando e difundindo informações nas mais variadas plataformas.

Toda tecnologia cria novos ambientes humanos que não são passivos, mas processos ativos (MCLUHAN, 1964). As tecnologias da comunicação, por sua vez, também suscitam consequências variadas sobre a sociedade e é preciso compreender seu papel na história cultural (LÉVY, 1993). Estas consequências se refletem sobre a relação entre o Jornalismo e o ciberespaço. Ali, o jornalista está imerso em um dispositivo comunicacional onde comunidades podem constituir um contexto comum (modelo todos-todos), conforme aponta LÉVY (1999), ao contrário do que ocorre na mídia impressa, no



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





rádio e na televisão, plataformas estruturadas a partir de um modelo um-todos (onde o centro emissor envia suas mensagens a um grande número de receptores passivos e dispersos), e no correio e telefone, que mantém relações recíprocas entre interlocutores sob o princípio indivíduo a indivíduo.

Segundo RECUERO (2011a) estamos imersos em um momento de hiperconexão em rede, no qual, além de conectados, “transcrevemos nossos grupos sociais e, através do suporte, geramos novas formas de circulação, filtragem e difusão dessas informações” (RECUERO, 2011a, p. 14). As redes sociais, neste contexto, são plataformas onde as informações circulam com a capacidade de gerar mobilizações e conversações que podem ser de interesse jornalístico na medida em que essas discussões refletem anseios dos próprios grupos sociais, afirma RECUERO (2009a). Diante deste fato torna-se possível utilizar as redes sociais, especificamente as RSI, como campo de busca de pautas e fontes para a produção de notícias.

#### 4 - A RSI como fonte

As inovações tecnológicas sempre estiveram ligadas a evolução do Jornalismo. Desde a prensa de tipos móveis, todos os saltos tecnológicos repercutiram na forma pela qual nos comunicamos (BALDESSAR, 2003). Não foi diferente com o desenvolvimento da computação, na década de 50 e no surgimento da internet, na década de 70. Desde então, o advento da Comunicação Mediada pelo Computador (CMC) tem modificado as relações humanas. O campo da comunicação, especificamente, tem incorporado e refletido as influências desta revolução que repercute nas formas de organização, identidade, conversação e mobilização social (RECUERO, 2009a).

No Jornalismo, o advento da internet também causou grandes mudanças, especialmente no processo de produção da notícia e na sua disseminação. Apesar de lenta



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





no Brasil, a informatização das redações tomou impulso nas décadas de 80 e 90, prosseguindo inexoravelmente até a atualidade (BALDESSAR, 2003).

O ciberespaço como fonte é vasto para o Jornalismo, englobando fontes primárias, como entrevistas ou observações, e fontes secundárias como relatórios, artigos ou bancos eletrônicos de dados, além de consultas a fontes como dicionários, enciclopédias, almanaques e glossários, disponíveis em meios como CD-ROMs ou nas próprias redes (MACHADO, 2003).

Para BRAMBILLA (2005) as RSI podem ser agregadas ao Jornalismo a partir de três pontos de partida. O primeiro deles é, exatamente, o da apuração (a busca por fontes, personagens, pautas, testemunhos, opiniões). Esta participação do cidadão no “fazer” jornalístico não é algo novo. A novidade encontra-se justamente na superação das barreiras tecnológicas para a participação dos usuários no processo de produção da notícia (LOPES, 2007 *apud* FRANCISCO, 2010).

Neste contexto, as RSI podem atuar como fontes produtoras de informação, como filtros de informação, ou como espaços de reverberação dessas informações, diz RECUERO (2009a). Para a autora, estes ambientes têm condições de gerar mobilizações e conversações que, por sua vez, podem ser de interesse jornalístico. BRAMBILLA (2009) é enfática ao afirmar que existe uma total interdependência entre o Jornalismo e as mídias sociais na internet, e que o jornalista que não incorporar as redes sociais no trabalho perderá seu lugar no mercado.

Com o advento da CMC o papel do Jornalismo enquanto detentor do poder de informação passou a ser questionado. A liberação do polo da emissão deu espaço a novas formas de produzir e disseminar informações a partir dos chamados "Jornalismo Participativo" (LINDEMAN, 2008), do "Jornalismo Open Source" (BRAMBILLA, 2005) e do "Jornalismo Cidadão" (GLASER, 2006). Na avaliação de RECUERO (2011b), estes



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





formatos compartilham como característica o uso dos dispositivos tecnológicos para a produção de notícias por indivíduos e grupos e a circulação das mesmas por esferas cada vez mais amplas e independentes daquelas da comunicação de massa tradicional.

Todas estas possibilidades criam os fundamentos para um novo tipo de Jornalismo que liberta os profissionais dos pontos de vista limitados expressos por especialistas e fontes oficiais (KOCH, 1991 *apud* MACHADO, 2003). No ciberespaço atores sociais que, antes, não frequentavam com assiduidade o noticiário como fontes – ou que surgiam de forma estereotipada sob os holofotes das fontes oficiais - passaram a ter um espaço amplo para compartilhar ideias, conceitos e informações, sem a mediação das organizações jornalísticas. O que MACHADO (2002) aponta como novidade do jornalismo digital – a alteração da relação de forças entre os diversos tipos de fontes diante da possibilidade de todos os usuários adquirirem o status de fontes potenciais para os jornalistas – não está presa ao ciberespaço. Pode ser estendida ao jornalismo tradicional.

MACHADO (2002) sustenta que no universo descentralizado do ciberespaço qualquer um pode se transformar em uma potencial fonte jornalística, driblando o uso exclusivo das fontes oficiais. Segundo o autor, o processo de utilização das redes digitais pode ser dividido em dois tipos: o primeiro atribui às redes o papel instrumental de fornecer aos jornalistas conteúdo suplementar ao obtido pelos métodos tradicionais; o segundo sustenta serem as redes um ambiente distinto no qual todas as etapas do sistema de produção de conteúdos jornalísticos ficam circunscritas ao ciberespaço. Tanto uma quanto outra visão atribui ao espaço virtual e as RSI os mecanismos necessários para oferecer informações aos jornalistas.

Reflexos desta revolução, descentralizada e dinâmica, as RSI se apresentam como uma ágora digital na qual os atores sociais ganham voz e interagem criando novas relações com a comunicação. Todos os dias, milhões de pessoas conectam-se à internet e interagem com outras pessoas expondo-se a novas ideias, diferentes pontos de vista, novas



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





informações. Nos sites de redes sociais, como o Facebook e o Twitter, essas relações criaram novos impactos, espalhando-se pela rede e se amplificando para outros grupos. São relações são capazes de gerar fenômenos culturais, de influenciar eleições, de refletir tendências e de organizar movimentos político (RECUERO, 2012).

Estas relações possibilitam imensos repositórios de informação que são produzidos e consumidos por milhões de pessoas. Este fluxo ininterrupto de sentidos pode ser utilizado pelos jornalistas desde que subordinado as técnicas de produção da notícia que fazem parte da deontologia que gere a profissão.

A natureza das fontes no ciberespaço merece mais atenção por parte dos jornalistas, uma vez que o trabalho de apuração nas redes pode ser dificultado devido à descentralização e a multiplicação das fontes nestes ambientes, conforme problematiza MACHADO (2002).

A participação dos usuários implica diferentes níveis de intervenção nos processos de produção de informação, mas a gestão de todos estes níveis deve estar concentrada na figura do jornalista que, como mediador e intérprete profissional do que acontece, tem que cumprir o objetivo prioritário da informação: que seja verdadeira e ao serviço da sociedade (LOPES, 2007 *apud* FRANCISCO, 2010). Pinçar informação crível e de qualidade em meio ao bombardeio constante produzido no ambiente digital é um desafio para o jornalista na atualidade.

A necessidade de atribuir credibilidade à informação colhida nos RSI está condicionada a critérios estabelecidos. No ciberespaço um destes critérios está fundado no conceito de capital social. Segundo RECUERO (2011b) capital social é um conceito geralmente associado aos valores relacionados com o pertencimento a redes (e grupos) sociais. Assim como o Jornalismo recebe credibilidade - também uma forma de capital social - da sociedade, atores sociais presentes nas RSI também podem adquirir capital



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





social mediante sua atuação no ambiente virtual a partir da troca de valores entre indivíduos e instituições. No entender de CHRISTOFOLETTI et al.(2008), no ciberespaço a credibilidade de quem emite a informação é construída mediante as ações dos leitores em replicar, comentar e validar a informação publicada.

MACHADO (2002) levanta outra questão de fundo nesta relação ao sustentar que a inclusão dos usuários como fontes exige que a pesquisa acadêmica se debruce sobre as responsabilidades dos próprios usuários das redes como fontes para os jornalistas, para ele um aspecto negligenciado pelos códigos de ética do Jornalismo convencional.

Do mesmo modo que o jornalista no exercício da profissão deve cumprir com o código de ética que resume os procedimentos deontológicos, a participação do usuário enquanto fonte ou colaborador revela a necessidade de uma atualização dos códigos de ética profissional com a definição dos direitos e deveres dos usuários como fontes, alargando um processo antes restrito aos jornalistas e aos membros do público detentores de cargos oficiais ou envolvidos nos fatos. (MACHADO 2002 p 30).

## 5 – Considerações Finais

É consenso que as novas tecnologias tiraram dos meios de comunicação de massa o monopólio da produção, mediação e disseminação da informação, e que o surgimento das RSI, com sua explosão de conteúdo produzido por quem antes era apenas coadjuvante no processo comunicacional, transformou cada ator social conectado a internet em um potencial emissor. A literatura sobre o tema concorda, ainda, que a incorporação das RSI a um arraigado modelo de construção da notícia é um desafio para o Jornalismo, pois transforma usuários em produtores de conteúdo e, também, em potenciais fontes.

Trata-se de um desafio sem precedentes, que obriga os jornalistas a encontrarem mecanismos que validem a produção destes novos atores diante de um panorama no qual o Jornalismo vê-se obrigado a rediscutir paradigmas estabelecidos, referentes ao seu papel



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
www.ciberjor.ufms.br - ciberjornalismo.ufms@gmail.com





social e aos procedimentos de produção em um momento em que as referências sobre os papéis assumidos por emissores e receptores estão se mesclando.

As pesquisas focadas na relação entre o Jornalismo e as RSI mostram que o espaço virtual possibilita uma alternativa às fontes tradicionais e oficiais, que têm sido elencadas pela tradição jornalística como as mais fidedignas para a construção da notícia. Diante dos desafios de manutenção da credibilidade destas novas fontes, é importante considerar que as RSI servem como um quebra-gelo entre os *icebergs* do “jornalismo oficialista”, baseado em grande parte nas versões de assessorias de imprensa ligadas a governos e instituições. Portanto, ao se utilizar das RSI como plataforma na obtenção de pautas e fontes para a produção jornalística, o jornalista estaria dando voz a outros atores sociais que não os oriundos do *mainstream*.

Manter este repositório de fontes e pautas afastado do cotidiano profissional do Jornalismo é uma opção que não se sustenta. O jornalista precisa estar conectado as RSI, pois trata-se de um aglutinador de conteúdos que, apesar de produzidos por usuários não afeitos as especificidades do Jornalismo, podem se configurar em informações relevantes, com forte teor social e descentralizadas.

Diante desta nova realidade, cabe aos pesquisadores da comunicação social questionar o novo papel do Jornalismo. Consideramos que, além das suas funções basais de produção e disseminação de informação, este papel possa estar centrado na legitimação do conteúdo produzido nas RSI por meio das técnicas inerentes a profissão e baseadas na credibilidade de seu papel social. Credibilidade, legitimação, filtragem e hierarquização, atribuições que fazem parte do Jornalismo pré-internet, também têm papel primordial agora, diante da fragmentação de sentidos inerente a cibercultura. De fato, apesar da pluralidade de vozes propiciadas pela comunicação na era digital, das incertezas do papel profissional do jornalista na contemporaneidade, talvez nunca o receptor tenha precisado tanto da figura do jornalista como mediador.



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





## 5 – Referências

ACIOLI, Sonia. Redes sociais e teoria social: revendo os fundamentos do conceito. **Informação & Informação**, v. 12, 2007. Acesso em: 10 out 2012. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/informacao/article/view/1784>

AMARAL, Márcia Franz. Fontes jornalísticas: o lugar de fala do cidadão. In: **Trabalho apresentado no Núcleo de Pesquisa em Jornalismo, XXV Congresso Anual em Ciência da Comunicação. Salvador/BA. 2002.** Acesso em: 13 out 2012. Disponível em: <http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/8121a0473dfc7d5de75c22a247e5a614.pdf>

BALDESSAR, M. J. **A mudança anunciada: o cotidiano dos jornalistas com o computador na redação.** Florianópolis: Insular, 2003.

BRAMBILLA, Ana Maria. Jornalismo open source em busca de credibilidade. **Intercom, 2005.** Acesso em: 15 nov 2012. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/limc/participativo/pdf/credibilidade.pdf>

\_\_\_\_\_. (Org). **Para Entender as Mídias Sociais.** 2011. Acesso em: 01 de junho de 2013  
E-book disponível em: <http://paraentenderasmidiassociais.blogspot.com.br/2012/03/download-do-ebook-para-entender-as.html>.

BOURDIEU, Pierre. **Sobre a Televisão.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

CARDOSO, Gustavo. **A mídia na Sociedade em Rede.** Rio de Janeiro: Editora FGV, 2007.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2005.

CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. **Dicionário de Análise do Discurso.** São Paulo: Contexto, 2004.

CHRISTOFOLETTI, Rogério; LAUX, Ana Paula França. Confiabilidade, credibilidade e reputação: no jornalismo e na blogosfera. **Intercom–Revista Brasileira de Ciências da Comunicação. São Paulo**, v. 31, n. 1, p. 29-49, 2008. Acessado em: 05 jan. 2013. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/evora-silvino-fontes-jornalisticas.pdf>



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)







LINDEMANN-UFRGS, Cristiane et al. **Webjornalismo participativo: repensando algumas questões técnicas e teóricas. Revista FAMECOS: mídia, cultura e tecnologia, v. 1, n. 34, 2008.** Acessado em 07 fev 2013. Disponível em:

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/viewFile/3457/2719>

FRANCISCO, Kárita Cristina. **O jornalismo e as redes sociais: participação, inovação ou repetição de modelos tradicionais?. Revista Prisma. Com, n. 12, 2010.** Acessado em 20 mai 2013. Disponível em:

<http://revistas.ua.pt/index.php/prisma.com/article/viewFile/754/681>

GANS, Herbert J. **Deciding what's news: A study of CBS evening news, NBC nightly news, Newsweek, and Time.** TriQuarterly Books, 1980. Acessado em: 12 fev 2013. Disponível em:

<https://skydrive.live.com/?cid=4d3702a6d4f504a5&id=4D3702A6D4F504A5!725#!/view.aspx?cid=4D3702A6D4F504A5&resid=4D3702A6D4F504A5!725&app=WordPdf>

GIEBER, Walter; JOHNSON, Walter. **The city hall “beat”: a study of reporter and source roles. Journalism & Mass Communication Quarterly, v. 38, n. 3, p. 289-297, 1961.** Acessado em: 20 mai 2013. Disponível em: <http://intl-jmq.sagepub.com/content/38/3/289.full.pdf>

GLASER, Mark. **Your guide to citizen journalism.** Online (9.9. 07) [http://www.pbs.org/mediashift/2006/09/digging\\_deeperyour\\_guide\\_to\\_ci.html](http://www.pbs.org/mediashift/2006/09/digging_deeperyour_guide_to_ci.html), 2006. Acessado em: 18 mar 2013. Disponível em: <http://www.pbs.org/mediashift/2006/09/yourguidetocitizenjournalism270.html>

GONÇALVES, Elias Machado; PALACIOS, Marcos. **O ciberespaço como fonte para os jornalistas.** Salvador: Calandra, 2003.

HALL, Stuart et al. **Policing the crisis: Mugging, the state, and law and order.** London: Macmillan, 1978. Acessado em 28 jan 2013. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/29766074?uid=3737664&uid=2&uid=4&sid=21102280854441>

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística.** Editora Record, 2001.

LÉVY, P. **As Tecnologias da Inteligência – O futuro do pensamento na Era da Informática.** São Paulo: Editora 34, 1993.

\_\_\_\_\_. **Cibercultura.** São Paulo: Editora 34, 1999.



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





LIMA JÚNIOR, Walter T. Primórdios das fontes digitais na produção do jornalismo tradicional. **Intercom. Trabalho apresentado no VII Encontro dos Núcleos de Pesquisa em Comunicação–NP Jornalismo.** <http://www.adevento.com.br/intercom/2007/resumos/R1605-2>. Pdf. [Consulta: 18/05/2013], 2007.

MAINGUENEAU, Dominique. **Termos-chave da Análise do Discurso.** Belo Horizonte: Editora UFMG, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. **Hipertexto e gêneros digitais.** Rio de Janeiro: Lucerna, p. 13-67, 2004. Acessado em 14 mai 2013. Disponível em: <http://pt.scribd.com/doc/57043043/Generos-Textuais-Emergentes-No-Contexto-Da-Tecnologia-Digital>

McLUHAN. M. **Os meios de comunicação como extensões do homem.** São Paulo: Cultrix, 1964.

MOLOTCH, Harvey; LESTER, Marilyn. News as purposive behavior: On the strategic use of routine events, accidents, and scandals. **American sociological review**, p. 101-112, 1974. Acessado em: 01 mai 2013. Disponível em: <http://www.jstor.org/discover/10.2307/2094279?uid=3737664&uid=2129&uid=2&uid=70&uid=4&sid=21102048880543>

PINTO, Manuel. **Fontes jornalísticas: contributos para o mapeamento do campo.** 2000.

RECUERO, R.C. Redes Sociais na Internet: Considerações Iniciais. In: **IV ENCONTRO DOS NÚCLEOS DE PESQUISA DA XXVII INTERCOM**, 2004, Porto Alegre. Anais. 2004. Acesso em: 14 dez. 2012. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/intercom2004final.pdf>

\_\_\_\_\_. Tipologia de Redes Sociais Brasileiras no Fotolog. com. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, 2007. Acesso em 29 mai 2013. Disponível em: [http://www.compos.org.br/files/05ecompos09\\_RaquelRecuero.pdf](http://www.compos.org.br/files/05ecompos09_RaquelRecuero.pdf)

\_\_\_\_\_. **Redes Sociais na Internet.** Porto Alegre: Sulina, 2009a.

\_\_\_\_\_. Redes sociais na Internet, difusão de informação e jornalismo: elementos para discussão. **Metamorfoses jornalísticas**, v., p. 1-269. v. 2, p. 37-55. Acessado em: 15 mai 2013. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/artigos/artigoredesjornalismorecuero.pdf>



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)





\_\_\_\_\_. A nova revolução: as redes são as mensagens. In: BRAMBILLA, A. (orgs.). **Para entender as mídias sociais**. 2011a. Ebook. Acesso em: 01 de junho de 2013. Disponível em: <http://paraentenderasmidiassociais.blogspot.com.br/2012/03/download-do-ebook-para-entender-as.html>.

\_\_\_\_\_. "Deu no Twitter, alguém confirma?" Funções do Jornalismo na Era das Redes Sociais. **SBPJor**. 2011b. Acessado em 29 mai 2013. Disponível em: <http://www.raquelrecuero.com/arquivos/sbpjorrecuero.pdf>

\_\_\_\_\_. **A conversação em rede: Comunicação Mediada pelo Computador e redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2012

SANTAELLA, Lúcia; LEMOS, Renata. Redes sociais digitais: a cognição conectiva do Twitter. **São Paulo: Paulus**, p. 107, 2010.

SODRÉ, Muniz. A narração do fato: notas para uma teoria do acontecimento. **Petrópolis: Vozes**, v. 4, 2009.

SOUSA, Jorge Pedro. Diários portugueses: que espaço para o cidadão comum. **Porto: Universidade Fernando Pessoa**. 1998. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/sousa-jorge-pedro-diaris-portugueses1.html> Acessado em: 12 abr 2013

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**. Insular, 2005.

WOLF, Mauro. Teorias da comunicação. Lisboa: Editorial Presença, 2009.



**Grupo de Pesquisa em Ciberjornalismo – CIBERJOR-UFMS**  
Cidade Universitária, s/n - Caixa Postal 549 Tel: (67) 3345-7040  
CEP 79070-900 \* Campo Grande (MS) \*  
[www.ciberjor.ufms.br](http://www.ciberjor.ufms.br) - [ciberjornalismo.ufms@gmail.com](mailto:ciberjornalismo.ufms@gmail.com)

